

A NOSSA PROTO- HISTÓRIA EDITORIAL

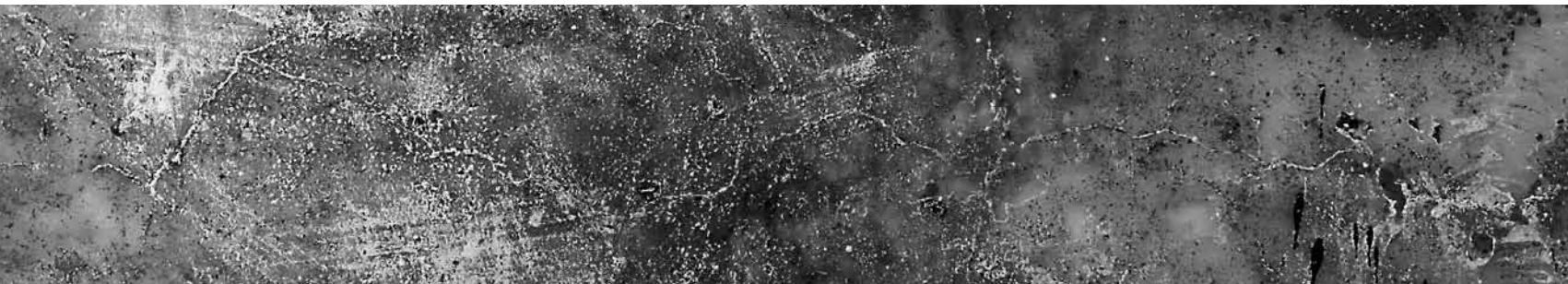
Darcy França Denófrío¹

No jubileu de ouro de fundação da Universidade Federal de Goiás, quando a instituição já conta com uma revista de altíssimo nível, a *Revista UFG*, periódico que, pelo extremado empenho de seus diretor e editores, é hoje louvada fora de Goiás por seu reconhecido primor editorial e gráfico, não poderia deixar de lembrar o que chamo de nossa proto-história editorial.

Uma das fundadoras e primeira coordenadora dos *Cadernos de Letras* da UFG, mais tarde colaboradora e editora de *Letras em revista* e, ainda, colaboradora e integrante da comissão editorial da revista *Signótica*, de nossa Pós-graduação em Letras e Linguística, sempre estive ligada a publicações no antigo Departamento de Letras do ICHL, hoje Faculdade de Letras. Sendo assim, pude viver, por dentro do processo, a nossa difícil história editorial. Uma editoração regular e assegurada pela própria Instituição foi um dos grandes sonhos dos professores da Universidade Federal de Goiás, no passado. Participei desse tempo e desse sonho. A dificuldade editorial não nos impediu, no entanto, de produzir. Por isso mesmo, no alvorecer da década de 90, mesmo recém-aposentada, eu assinava um editorial de *Letras em revista* que começava dizendo:

Certamente um dia, quando houver distanciamento histórico suficiente, alguém voltará os olhos para essas produções do ICHL (e eu falo especialmente daquelas do Departamento de Letras) e, no mínimo, se não houver outras razões para tal, se surpreenderá com este fato: como _ numa época de tão exíguos recursos para financiar publicações acadêmicas e de tão poucos estímulos _ um número considerável de professores se entregou com tanto empenho a produções acadêmicas?

¹ Mestre em Teoria da Literatura. Professora Adjunta (aposentada) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Crítica literária, ensaísta e poetisa.



Nesse documento histórico, registrava também o fato de que nossos *Cadernos de pesquisa do ICHL: Cadernos de Letras* (impressos de forma predominantemente artesanal), que era o veículo encarregado de divulgar, junto ao corpo docente e discente, a produção acadêmica dos professores de Letras da UFG, chegavam a dar vazão a uma produção que variava entre vinte e quinze números anuais. Isto, se fossem computadas as suas diversas séries específicas. Esses *Cadernos*, de que fui coordenadora por um biênio, nasceram em 1987, quando a Professora Vera Tietzmann Silva era chefe do então Departamento de Letras e Janaína Amado, Diretora do ICHL. Por causa da imensa dificuldade de se publicar artigos, ambas, coincidentemente, tiveram a mesma ideia de se fazer um caderno: a primeira pensou no Departamento de Letras e a segunda, no Instituto de Ciências Humanas. Durante os encontros para se estudar a questão, as ideias se harmonizaram e surgiram os *Cadernos de pesquisa do ICHL*, que se dividiam em áreas de conhecimento ligadas ao Instituto. O nosso *Caderno*, por sua vez, subdividia-se em diversas séries, como as que se denominaram Literatura Goiana, Literatura Brasileira, Portuguesa, Infanto-Juvenil, Português-Linguística, entre outras, inclusive a série Estudos, que abrigava o que não cabia nos outros rótulos.

Um dos objetivos desses *Cadernos* era o de possibilitar e estimular o estudo da Literatura Goiana. Também por isso (mas não somente), foi a série que mais cresceu. Nesse tempo, não se encontrava espaço dentro da Literatura Brasileira para abrigar a Literatura Goiana; por outro lado, os professores do Departamento, em sua ampla maioria, também não apoiavam a ideia de integrá-la, enquanto dis-

ciplina, no currículo de Letras. Paralelamente, fazíamos esforços para implantar os Seminários de Literatura Goiana, a fim de se fazer justiça ao autor goiano, a exemplo de universidades de outros estados da federação que valorizavam a literatura da região em que se inseriam. Muitas conferências, proferidas à época, preservaram-se em tais cadernos. Estava ainda na ativa, quando, já consolidado, aconteceu o III Seminário de Literatura Goiana, de que fui coordenadora. Sobre o Seminário de Literatura Goiana, tenho um longo depoimento, ainda inédito.

Os *Cadernos* ajudaram, além do mais, a consolidar a disciplina “Literatura infantil e juvenil”, recentemente, à época, incluída na nova grade curricular do curso. Dando-lhe um tratamento de literatura propriamente dita, e não de instrumento pedagógico, as professoras dessa disciplina começaram a produzir ensaios críticos sobre obras da literatura voltada para a criança e o jovem. Esses textos, frutos de aulas na graduação, em sua maioria, passaram a constituir material didático também utilizado, segundo soube, nas aulas de literatura infantil e juvenil, num saudável processo de realimentação.

Durante dez anos, paralelamente a essa produção crítica, foram promovidos simpósios de literatura infantil, com a presença de autores e de especialistas de várias partes do país. Os textos de palestras e mesas-redondas, assim como os ensaios motivados pelas aulas da graduação e pós-graduação foram, num primeiro momento, divulgados na série “Literatura infanto-juvenil” dos *Cadernos de Letras*. Não fosse a existência dessa modesta publicação, talvez não houvesse sido criada a série de estudos críticos da coleção *Hórus*, da Editora da UFG, sobre temas da literatura infantil. Hoje, esta série conta com vários volumes que apresentam a colaboração de especialistas de diversas partes do Brasil.

Esse exercício da crítica sobre *corpus* da literatura infantil e juvenil, um setor relativamente novo na crítica literária, iniciado nos *Cadernos* e consolidado na coleção *Hórus*, gerou o reconhecimento do trabalho de nossas professoras para além dos muros da UFG, dos limites de nosso Estado e, mesmo do Brasil, uma vez que quatro dos artigos originalmente divulgados nos *Cadernos de Letras* foram republicados em revistas especializadas da Colômbia (*Revista latinoamericana de literatura infantil y juvenil*) e Venezuela (*Revista Parapara*). Como se percebe, valeu a pena haver plantado a pequena semente dos *Cadernos de Letras* há cerca de 23 anos, mais precisamente no ano de 1987.

Quanto à coleção *Hórus*, e depois a coleção *Quíron*, elas fazem parte das linhas editoriais criadas pela Profa. Ione Maria de Oliveira Valadares, diretora, por sua comprovada competência, da Editora da Universidade Federal de Goiás por dois reitorados consecutivos. A seu pedido, mesmo sem fazer parte do quadro ou receber estímulo financeiro, emprestei-lhe colaboração muitas vezes e criei, justificando pelo conteúdo de cada um desses dois mitos, o nome das duas coleções.

Eram várias as minhas atribuições, como coordenadora dos *Cadernos de Letras*, cumpridas em etapas. Primeiro, vinha a solicitação e coleta de artigos, o que, no início, significava garimpar material para publicação junto aos professores, pedindo-lhes que fossem ao fundo de suas gavetas, se necessário. Segundo, a leitura, seleção de artigos e a redação de editoriais; em seguida, o acompanhamento datilográfico e, depois, a revisão dos artigos ou ensaios. Agora era a vez do contato direto com a Central Gráfica do ICHL, e, finalmente, as visitas a entidades culturais para divulgação dos *Cadernos*, entre outras atividades menores. Com o tempo, a grande

maioria dos professores levava seus artigos de forma espontânea, colaborava de boa vontade. Sempre gostei de deixar mais de um número pronto para não prejudicar o fluxo dos cadernos. Ia lendo todo aquele material nas horas de folga (cheguei, e de longe não fui a única, a dar dezoito horas-aula e a ter, sob minha responsabilidade, até três disciplinas). Também, antecipadamente, ia redigindo as apresentações com enorme gosto. No ano de 1988, cheguei a gastar mais de 600 horas com esses *Cadernos*, uma vez que a média desse ano (excetuando-se as férias) foi a de dois cadernos por mês.

Nossos *Cadernos* apresentavam não um aspecto provinciano, mas certamente franciscano. Mesmo assim, eles nos deixavam muito felizes. Escoavam o caudal de artigos e ensaios represados nas gavetas e estimulavam os que escreviam a expor seus trabalhos. Com esse modesto veículo, encerrava-se definitivamente na UFG a fase da pesquisa de gaveta. Quem produzia, publicava. Os nossos *Cadernos de Letras* eram feitos com grande zelo e seriedade. Tínhamos, inclusive, uma respeitável comissão editorial. No lugar de um editorial, havia sempre uma apresentação assinada, raramente por outro que não fosse o próprio coordenador. Em seguida, vinha a biobibliografia dos colaboradores. No verso do índice, que ficava sempre na primeira página, estampava-se a folha de expediente, em que se eximia da responsabilidade do que se escrevia: “Os conceitos e opiniões emitidos nos ensaios e artigos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos respectivos autores”. É bom lembrar que estávamos saindo daqueles tempos da ditadura. Talvez, por isso mesmo, a necessidade que a alta direção encontrou de se precaver. Afinal, essa página exibia o nome do reitor e de outros altos funcionários de instituição. Com o tempo, essa isenção de responsabilidade andou migrando de uma página para outra. Lembramos, ainda, que, na cabeça da segunda folha de nosso histórico primeiro número, da série Literatura Goiana, apareceu esta primeira chamada antes daquela declarada fuga de responsabilidade: “Publicação registrada na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF [Divisão da Polícia Federal] sob o nº [espaço em branco] em [outro espaço em branco]”. No entanto, há um evidente índice de abertura política. Esta informação, que apareceu em aberto, nos primeiríssimos números de algumas séries, logo desapareceu dos *Cadernos* subsequentes e não mais foi vista nas reimpressões desses números. Todavia permaneceu a outra, a de isenção de responsabilidade.

De certa forma, éramos ousados e ciosos do que escrevíamos. Na mesma folha de expediente, mas que, antes, havia aparecido naquela que se referia ao DPF, podia-se ler: “Solicita-se permuta; Exchange requested; On demande échange; Rogamos canje”.

Todo o processo de confecção dos *Cadernos* ocorria dentro do ICHL. Na primeira etapa, o funcionário Gustavo Antônio Pereira Júnior, lotado na Secretaria do ICHL, ocupava-se da datilografia. Se ele não contasse com tempo suficiente durante o expediente, levava o serviço para casa e eu, feliz por essa alternativa, remunerava-o de meu próprio bolso. Datilografados os originais, vinha, então, a segunda etapa, quando eles migravam para a Central Gráfica do ICHL. Era a hora de montar o boneco dos *Cadernos*, para posterior gravação. Mas, antes, a professora Vera Tietzmann contabilizava o número de páginas, fazia um mini-caderno que, de tão pequeno, perdia-se em suas próprias mãos, e ia testando o resultado final, cuidando, com o seu olho clínico, da parte estética. Para montar aquele boneco, inicialmente passava-se pela tarefa de recortar página por página do original datilografado na guilhotina e dispô-las obedecendo à paginação – 40 a 50 páginas – tarefa executada a quatro mãos: pelo funcionário do ICHL Jorcerico Nascimento de Melo e pela professora Vera Tietzmann Silva. Só então o funcionário Altair Francisco Jorge, operador da máquina de *off-set* dessa Central, gravava os originais e imprimia as cópias, em tiragens de 200 exemplares.

Cumprir registrar que muitos cadernos receberam mais de uma impressão, pois se transformaram em material didático nas aulas de graduação em Letras. Aliás, tomei conhecimento de que um dos cadernos da série “Língua Portuguesa e Linguística” recebeu sucessivas reimpressões e foi longamente utilizado em aulas de fonologia.

Um registro para a história: a chamada Central Gráfica do ICHL (não se pode negar que o nome ostenta certa pompa) contava apenas com uma antiga máquina de *off-set* e um mimeógrafo a tinta, ambos de imensa utilidade à época. Os professores (quantos deles!) datilografávamos um sem número de estênceis, a cada ano, a fim de preparar material didático para os alunos. Eu, por exemplo, a cada ano selecionava novo conjunto de contos a serem analisados em Teoria da Literatura, evitando que os alunos, por ocasião das avaliações, pudessem utilizar-se das análises já realizadas por colegas em anos anteriores. E havia ainda os exercícios diários para as aulas de Português (lecionei também esta disciplina alguns anos). O estêncil e o mimeógrafo, com pequeno ônus para nossos próprios bolsos, proporcionavam material de graça para os alunos. As provas mensais e finais eram impressas dentro do mesmo esquema.

Textos produzidos em *off-set*, por um preço simbólico, frequentemente serviam também aos alunos.

Na terceira etapa, vinha então o trabalho de formiguinha: levar, com a ajuda de funcionários, todo aquele material para o CEGRAF/ Editora da UFG, a fim de que os *Cadernos* pudessem receber sua finalização, ou seja, a capa e os grampos. Chegava, finalmente, a vez do trabalho de formiguinha de volta: o de trazer os cadernos prontos para o Departamento. Este era um instante de vitória. A comunidade acadêmica e os alunos vislumbravam apenas a ponta do *iceberg*, sem imaginar o quanto havia ficado submerso no mar das dificuldades.

Os professores da atual Faculdade de Letras jamais poderão saber a luta por que passaram os coordenadores de tais cadernos, assumindo também, como se disse (e não poucas vezes), despesas do próprio bolso. A luta por que passaram os editores da revista da Pós-graduação em Letras e Linguística, que conheceram a fase da cotização entre seus membros, e que, exatamente àquela época, tentava encontrar o seu caminho de editoração próprio, para assegurar a continuidade de suas publicações.

Os *Cadernos de Letras*, que funcionaram inclusive como um filtro para publicação, foram o primeiro passo para a conquista de *Letras em revista*, de que fui editora, revista hoje extinta ou então diluída na *Signótica*, de nosso mestrado. *Letras em revista* era um periódico igualmente sem verbas previstas para sua manutenção, embora, como editora, tivesse eu, em vão e incansavelmente, buscado fontes financiadoras fora da própria UFG, que se encontrava inserida, à época, na crise financeira por que passava o país. Como se pode ver, a história não tem pressa: precisamos aprender a exercitar a paciência histórica.

E, por falar em história, lembremo-nos de que essa era a nossa proto-história editorial, quando, para se publicar um simples número de revista (já não me refiro aos *Cadernos*), tinha-se de estar permanentemente na dependência das



quase inexistentes *horas vagas* do micro-computador (programador de textos gráficos) pertencente ao Departamento de Comunicação; da boa vontade, que não faltava, do chefe desse Departamento; e, finalmente, do empenho do único funcionário encarregado da impressão dos textos em *off set*, funcionário que tinha de atender, o que é perfeitamente compreensível, às próprias prioridades de seu Departamento. Depois, quando se cumpria essa longa e exaustiva etapa, tal como acontecia com os *Cadernos de Letras*, a revista devia seguir ainda para o CEGRAF, para a arte final. O sistema de publicação parecia o compatível com um mundo jurássico, mas era, até então, a única forma encontrada pela Diretora do ICHL, para que a revista pudesse sobreviver.

Letras em revista nasceu coincidindo com o cinquentenário de magistério do professor Egídio Turchi, primeiro diretor da chamada Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, da Universidade Federal de Goiás, que deu origem ao Instituto de Ciências Humanas e Letras, Instituto de Matemática e Física e Faculdade de Educação. O histórico primeiro número foi dedicado a esse ítalo-brasileiro que já havia exercido cinquenta anos de verdadeiro magistério em nosso país e continuava a exercê-lo com a mesma competência, amor, alegria e jovialidade de sempre. Antes dessa, havia a antiga *Revista do ICHL*. Por se tratar de uma revista acadêmica muitíssimo abrangente, que era veículo da produção de todo o Instituto de Ciências Humanas e Letras, era difícil nela conquistar-se uma fatia. Além disso, espécie de mosaico, era também impossível a especificidade ou verticalização dos assuntos. Para substituí-la, nasceram *Letras em revista* e *Ciências humanas em revista*.

Publicado o primeiro número de nossa revista (v. I n. 1/2, jan./jun. 1990), ingenuamente pensei que nossos problemas tendiam a desaparecer. Foi, porém uma luta ingente a publicação do segundo número, aliás do que deveria ter sido o segundo número, já defasado. Contribuíram, para essa defasagem, duas greves: a dos funcionários e a dos próprios professores. Esse número representava, antes de tudo, a prova de nossa resistência, a dos professores que desejávamos construir na adversidade e que estávamos juntos naquela corrida de obstáculos às manifestações culturais. Vislumbrávamos uma abertura política, mas tudo emperrava ainda no sentido das manifestações culturais. Como acontecia em Portugal, muitos, até mesmo na própria instituição, faziam esta leitura: “Letras são tretas”.

Mas, quando tudo vai mal, o ser humano sabe buscar reservas de energia criadora que ele próprio desconhece e assim resiste aos maus tempos e resiste, sobretudo, àqueles que acham que não vale a pena resistir por meio do trabalho. Esses, na verdade, representam sempre um considerável peso adicional e são capazes, se permitirmos, de impedir as únicas vias de acesso ao nosso custoso objetivo. A prova de uma linha de resistência pelo trabalho, dentro da UFG, pode hoje ser avaliada pelos quatro movimentos intelectuais que se deram em um único ano (1990) na UFG: o “III Seminário de Literatura Goiana”, evento que representava uma bandeira de luta para mim e de que fui a coordenadora, ocorrido de 30 de maio a 01 de junho; o “I Encontro Nacional de Literatura e Crítica: homenagem a Camilo Castelo Branco”, de 22 a 24 de agosto; o “III Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil”, de 09 a 11 de outubro e o “III Seminário de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa”, de 26 a 28 de novembro.

À falta de anais, *Letras em revista* impediu que ficasse sem registro grande parte dos trabalhos apresentados como conferências ou comunicações nesses eventos. A revista finalmente abrigava, o que era previsto em seu próprio estatuto, algumas valiosas contribuições de intelectuais que não pertenciam ao quadro da UFG e que, embora não fossem seus estudos frutos de conferências nela proferidas, vinham de pessoas que historicamente emprestavam sua colaboração à UFG.

Neste momento, tenho a preocupação de abrir uma senda correta para futuros pesquisadores. O segundo número de *Letras em revista* deveria sair em dezembro de 1990. Teríamos cinco meses de permeio entre um e outro número. E muita matéria advinda daqueles quatro encontros culturais de 1990. No entanto, aquele que deveria ser o segundo número, só saiu, de fato e depois de muita

luta, em fins do ano de 1991. Até aí, fato perfeitamente compreensível, em vista de greves e outros percalços. Mas o inaceitável para mim, à época, tanto que me recusei a escrever o outro editorial, foi que resolveram dividir a revista em duas. Com cento e poucas páginas cada volume, ambas editadas na mesma ocasião e lançadas no mesmo dia, uma figurou como v. 1 n. 3/4 jul./dez. 1990. A outra apareceu como v. 2 n. 1 jan./dez. 1991. Parte dos ensaios saiu rigorosamente no ano de produção e apresentação dos trabalhos. E, parte, com defasagem de um ano. O meu, por exemplo, foi apresentado como conferência no primeiro evento (o de maio/junho de 1990) e ficou na segunda revista, a de 1991. Outros apresentados no último evento, o do fim daquele ano (novembro), foram para a primeira. Jamais soube entender os critérios editoriais internos, norteadores de tal divisão. Entretanto, fato mais estranho já me havia acontecido na *Revista do ICHL*. O primeiro ensaio que produzi em toda minha vida foi sobre um conto de Hugo de Carvalho Ramos, este, denominado “Pelo Caiapó Velho – engenhoso processo de montagem”. Embora concebido em 1981, somente consegui publicá-lo em um jornal local. Em vista de um pedido de colaboração da *Revista do ICHL*, o referido ensaio foi-lhe entregue, finalmente, em 1983. A *Revista* deveria publicá-lo em 1984. No entanto, para se adequar às normas de editoração, mesmo se estando no ano de 1984, ela estampou na capa o ano de 1982. Ficou: 2(2): 329-336, jul./dez. 1982. Quando saiu essa publicação, não pude sequer mencionar o trabalho no meu relatório anual, pois a revista, lançada em 1984, simulava ter sido editada dois anos antes.

A luta para publicação de nossos trabalhos em *Letras em revista*, sem qualquer infraestrutura que a sustentasse ou fonte financiadora que a arrimasse, fez emergir, para

admiração nossa, duas figuras sem as quais esse periódico teria morrido, antes mesmo de que o seu primeiro número se consumasse. Trata-se da Diretora do ICHL, à época, Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira, e da então Diretora do CEGRAF, Ione Maria de Oliveira Valadares. Mais do que administrativo ou técnico, desenvolveram essas professoras, nos bastidores, um trabalho braçal, sem testemunhas, que a comunidade acadêmica registrou e agradeceu naquele momento, por meio do referido editorial, assinado por mim.

Talvez isto possa até causar riso aos atuais professores da Faculdade de Letras em que todos os gabinetes de professores dispõem de seu próprio computador. No ano 2000, isto já era comum. Naquele editorial de 1990 (nunca imaginei que uma década representasse tanto tempo!) eu dizia, morta de felicidade, que

muito auspiciosa era a notícia que nos chegava de que o Departamento de Letras contaria, brevemente, com o seu próprio micro. E que se esperava que ele pudesse também contar, urgentemente, com pessoal especializado para compor os textos de seus próprios pesquisadores. Afinal, um Departamento como era o nosso, com capacidade para sustentar três periódicos, merecia tal providência e apoio da Instituição em que se integrava.

O fecho de meu editorial era o seguinte:

Esperamos que os nossos trabalhos de pesquisa venham a ser, de fato, publicados, sistematicamente, no próprio Departamento de Letras, sem aquela incômoda impressão de estarmos, permanentemente, perturbando aqueles que nos ajudam por espírito de colaboração ou até mesmo por puro constrangimento. Que estes trabalhos, rastros inapagáveis de nossa passagem pela UFG, continuem a marcar também a nossa presença atuante na Instituição. Eles que foram, em tempos difíceis, a marca de nossa resistência pelo trabalho, poderão vir a ser algo assim como o sílex (da ponta de uma flecha) lascado com muito empenho e esforço, e que, por isso mesmo, não se pode perder em meio às pedras de nossa proto-história editorial. Num futuro distante, mais do que o nosso aprendizado remoto (numa universidade ainda deslembada) eles serão um sinal vivo da crença de que era a nossa vez de lascar a pedra e de dar-lhe a forma, para que um dia a seta pudesse distender-se plenamente no arco para atingir, bem no centro, o alvo deste sonho: uma produção reconhecida e uma editoração regular e assegurada pela própria Instituição.

Mas, felizmente, vivi o bastante para testemunhar dias melhores, embora em tempos em que o meu contracheque já me considerava “inativa”. No fim de 2000, recebi com o mais vivo entusiasmo, um trabalho organizado pela professora Maria Cristina Faria Dalacorte, com fotografias do professor Alexandre de Araújo Badim, resultado do empenho de uma equipe competente que incluía ainda as professoras Heloísa Augusta B. de Mello e Dilys Karen Rees. Tratava-se do belíssimo livro *Traduzindo Goiás/ Translating Goiás* que revelava não somente a nossa maturidade editorial, mas também a maturidade de Curso de Letras – Português-Inglês, a que tive a honra de pertencer em sua fase de consolidação. Um curso com professores aptos a produzir textos de bom nível acadêmico e a orientar traduções que, apesar das inevitáveis dificuldades para compatibilizar duas estruturas mentais diferenciadas, não se converteram em *traições*. Não pelo menos nesse livro.

Esse trabalho, de meu ponto de vista, já justificava uma linha editorial dentro da própria Faculdade de Letras. Os tempos eram outros. Agora, não somente os professores produziam, mas, sob sua supervisão, também os seus próprios alunos. E o meu interesse me levou a saber que isto acontecia não somente numa disciplina específica – Tradução – de uma habilitação em língua estrangeira, mas em diversas outras disciplinas das várias habilitações em Letras. Em todo caso, o empreendimento que o Curso de Inglês realizou e o Centro de Línguas então tornou possível poderia ser imitado, mesmo numa roupagem editorial mais singela, por outras áreas e, de modo especial, por aquelas que se vinculavam às literaturas.

Mais de vinte anos já se passaram desde o meu editorial. Agora, especialmente com a *Revista UFG*, sinto que a seta já se distendeu plenamente no arco e já pôde atingir o alvo deste antigo sonho: uma produção reconhecida e uma editoração regular e assegurada pela própria Instituição.

